Infância, brincadeira e cultura[1]

*Levindo Diniz Carvalho**

Resumo
O presente artigo tematiza as relações entre brinquedo, brincadeira e cultura, tendo como principais referências teóricas estudos contemporâneos dos campos da sociologia, antropologia e história da infância. Essas abordagens entendem a criança como sujeito sócio-histórico e cultural e o brincar como linguagem infantil de significação e apreensão o mundo. Com base em uma investigação sociológica de quotidianos infantis, descreve-se e analisa-se o repertório de brinquedos e brincadeiras vivenciadas por crianças indígenas pataxó (MG), buscando compreender como crianças desse contexto experienciam a prática da brincadeira, suas dinâmicas e significados. Busca-se ainda contribuir para a compressão de um modo de ver a infância e a criança em suas formas de apreender e se relacionar com seus pares e seu entorno.
Palavras-chave: Infância; Brincadeira; Culturas infantis.

Childhhood, Playing activity and culture

Abstract
The present work deals with the relations between toys, games and culture, and has as main theoretical references contemporary studies from the fields of sociology, anthropology and history of childhood. These approaches understand the child as a socio-historical and cultural actor, and consider playing as children's language of giving meaning and understanding the world. Based on a sociological investigation of children's daily life, this work describes and analyzes the repertoire of toys and games experienced by indigenous pataxó children (MG), seeking to understand how children of this environment experience the practice of play, their dynamics and meanings. It also proposes to contribute further to understand the way of viewing childhood and the child through their ways of perceiving and relating with their peers and their surroundings.
Keywords: Childhood; Playing activity; Children's culture.

O menino mudo

Busca o menino a sua voz.
(Quem a tem é o rei dos grilos.)
Em uma gotinha de água
busca sua voz o menino.
Não a quero para falar;
farei com ela um anelzinho
que o meu silêncio levará
no dedo, o seu dedo mindinho.
Em uma gotinha de água
busca sua voz o menino.
(A voz dele, presa lá longe,
veste uma roupa de grilo.)
Federico Garcia Lorca

Este estudo resulta da dissertação de mestrado que teve como objetivo central analisar o significado de jogos, brinquedos e brincadeiras vivenciados por crianças indígenas pataxó[2] e crianças moradoras do Bairro Taquaril[3]. A intenção foi conhecer e interpretar o repertorio de brinquedos e brincadeiras de cada grupo entendendo-os como expressões da cultura infantil.

Com base na observação dos grupos, buscou-se compreender: Que elementos próprios da inserção social surgem na experiência da brincadeira? Com que dinâmica? Os brinquedos e brincadeiras constituem um repertório de produção cultural próprio da infância? Que interpretações podem ser feitas com base nesse repertório?

Estudos contemporâneos têm constituído produções transdiciplinares acerca da infância e da brincadeira, voltando-se para a observação de crianças, suas formas de sociabilidade e diálogo com a cultura adulta.

Nesse sentido constitui-se, o campo da sociologia da infância (MONTANDON, 2001; SIROTA, 2001; SARMENTO, 2003; assumindo a autonomia conceitual das crianças e da infância na produção cultural, considerando que sua produção, bem como o estudo de suas relações sociais, é digna de ser estudada em si mesma, no presente, e não no seu futuro como adultas, pela sua própria voz, e não apenas por meio daquilo que os adultos dizem delas.

Nesse caminho a antropologia, que se constitui historicamente como ciência que compreende

* endereço eletrônico: levindodiniz@hotmail.com

e significa a diferença, reconhece a autonomia conceitual da criança. O processo de socialização, antes entendido como um treinamento para a vida adulta (no qual a criança gradativamente se tornaria um adulto já previsto), passa a focar as experiências e práticas das crianças de modo autônomo, com validade própria.

> *Se a alteridade permitiu à antropologia, bem como à história e sociologia, novas formas de investigação e uma outra concepção dos seus objetos de conhecimento – os sujeitos sociais –, ela nos invade ao pensar a questão da infância e problematizar as categorias que historicamente construímos e utilizamos para compreender, investigar e atuar junto a estes sujeitos infantis.* (GOUVEA, 2003, p. 9)

Essa alteridade é definida essencialmente, na infância pelos usos das linguagens, entendendo aqui a brincadeira como legítima linguagem infantil de significação do mundo e as práticas de brincadeiras como práticas culturais infantis.

Nos estudos dos autores denominados folcloristas (FERNANDES, 1979), todas as expressões do que hoje denominamos culturas infantis eram consideradas como manifestações da cultura popular mais ampla. Os estudos de autores como Câmara Cascudo (1984; 1988;) e Veríssimo de Melo ([s.d.]) confirmam esse olhar. Câmara Cascudo (1984; 1988;), além das preciosas informações sobre jogos e brinquedos no espaço brasileiro, dá pistas bibliográficas importantes e estabelece paralelismos com a tradição europeia.

Sarmento (SARMENTO; CERISARA, 2003, p. 21) destaca, ainda, que na ideia de culturas infantis considera-se a capacidade de as crianças produzirem processos de significação e modos de monitorização da ação que são específicos e genuínos, mas não redutíveis totalmente às culturas dos adultos:

> *As culturas infantis são constituídas por um conjunto de formas, significados, objetos, artefatos que conferem modos de compreensão simbólica às crianças sobre o mundo. Ou seja, brinquedos, brincadeiras, músicas e histórias que expressam o olhar infantil, olhar construído no processo histórico de diferenciação do adulto.*

Os brinquedos e brincadeiras elaborados e vivenciados pelas crianças ao longo da história da humanidade são, portanto, objeto de estudo que surgem à medida que entendemos a infância como categoria geracional sociologicamente instituída e produtora de uma cultura própria.

Optou-se, nesse texto, por discutir inicialmente aspectos relativos a brincadeira como prática cultural e linguagem de significação do mundo, e, posteriormente, apresentar análises do trabalho de campo realizado na aldeia pataxó.

Brincadeira, brinquedo e cultura

Historicamente, jogo, brinquedo e brincadeira representam formas singulares de compreensão e apreensão do mundo pelo ser humano, especialmente pelas crianças.

Figura 1- Jogos infantis. Peter Bruguel. Holanda, século XVI
Fonte: MICKLETHWAIT, 1997.

A pintura acima[4], como documento histórico, permite dizer que é possível, reconhecer uma mesma brincadeira ou brinquedo em diferentes contextos sociais, geográficos, históricos. Essa dimensão universal se anuncia, por exemplo, quando comparamos os gestos, as "coreografias" e os brinquedos que são comuns em diferentes contextos sociais.

> *Este quadro constitui um documento ímpar na história da criança, do jogo e do brinquedo, por nos permitir estabelecer uma ponte entre as tradições infantis que, partindo da antiguidade clássica, atravessam toda idade média até o renascimento, e as tradições que daí em diante foram preservadas, sobretudo, entre as classes populares, rurais e citadinas.* (AMADO, 2000, p. 306)

As brincadeiras de roda, por exemplo, estão presentes em diferentes culturas e em muitas delas o gesto é o mesmo, mas a melodia e a letra da música se modificam em razão dos traços culturais e do

contexto social de cada grupo[5]. Friedmann (1990, p. 97) observa que "É interessante observar a existência de certos padrões lúdicos universais, mesmo com diferenças regionais, variações na designação ou na existência ou supressão de certas regras." Algumas práticas culturais da infância, então, ultrapassam os limites de inserção cultural, temporal e geográfica dos grupos infantis.

Como analisar essa recorrência no tempo e no espaço? As crianças partilham rituais e jogos, que vão sendo transmitidos entre as gerações, e isso explica a permanência, nos dias de hoje, de brinquedos como o pião e o papagaio. A brincadeira é, portanto, transmitida entre o próprio grupo de crianças e também pelos adultos.

> *[...] o grupo de brinquedo é uma microssociedade em que se constituem redes de relações, em que papeis são atribuídos dinamicamente no desenrolar das interações, em que conhecimentos, regras e procedimentos são continuamente trocados, reformulados e repassados [...] Brincadeiras são como rituais que se transmitem, repetidos ou recriados, em ambientes socioculturais distintos. Via de regra, essa transmissão se dá no próprio grupo de brinquedo, sem interferência adulta, das crianças mais velhas para as menores.* (CARVALHO; MAGALHÃES; PONTES; BICHARA, 2003, p. 16)

Nessa dinâmica, algumas brincadeiras desaparecem, outras vão sendo modificadas e outras permanecem. Essa permanência, segundo Carvalho e Pontes (CARVALHO; MAGALHÃES; PONTES; BICHARA, 2003), "tende a correlacionar-se com o grau de ritualização e estereotipia das brincadeiras". Segundo o autor, os procedimentos de sorteio na brincadeira de pegador ou rimas em brincadeiras de roda, por exemplo, são mais permanentes.

Figura 2 - Canoa feita com palha de coqueiro.
Mangue Seco-SE. 2000
Fonte: Acervo pessoal (foto do autor)

Alguns brinquedos são construídos em certos lugares tanto pelos materiais disponíveis quanto pelo universo adulto com o qual crianças dialogam. A canoa feita de palha de coco (registrada na imagem a seguir), por exemplo, exprime características próprias de um contexto sociocultural no qual as canoas são um meio de transporte comum e onde se encontram esses materiais para que elas sejam produzidas. Tal brinquedo é, portanto, uma prática singular e própria de determinado grupo de crianças.

Esse aspecto une e diferencia as diversas regiões do mundo, mais ou menos distantes cultural e geograficamente, em seu repertório de brinquedos e brincadeiras. Esse elo entre cultura e criança é claramente percebido no repertório dos chamados jogos e brincadeiras tradicionais ou populares. "A modalidade jogo tradicional infantil possui características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade" (KISHIMOTO, 1993, p. 29). Ainda assim, um repertório de brincadeiras e brinquedos também caracteriza uma cultura local, com traços específicos do contexto onde é praticado, o que fundamenta a ideia de que existe ao mesmo tempo a universalidade e a diversidade da brincadeira como prática cultural.

Os jogos também exprimem formas sociais de organizar as experiências lúdicas humanas. São exemplos dessa característica a brincadeira de esconde-esconde ou cabra-cega (até mesmo no caso dos bebês) e o faz de conta, que em sua universalidade expressam, por meio do lúdico, as formas de experimentar o mundo.

Pode-se, nesse sentido, reconhecer no conjunto de brinquedos e brincadeiras universalidade e diversidade. Alguns dos brinquedos e brincadeiras possuem relativa recorrência temporal e espacial, ao mesmo tempo apresentando características próprias regionais, e são transformados ao longo da história. São constituídos e reconstituídos como tradições culturalmente transmitidas:

> *A transmissão cultural é o processo de aquisição de comportamentos, atitudes ou tecnologias através de estampagem, condicionamento, imitação, ensino ativo e aprendizagem ou a combinação desses elementos.* (CAVALLI-SFORZA, 1982 *apud,* PONTES; MAGALHAES, 2002)

Para Speber (1978 apud CARVALHO; PONTES, 2003), "a brincadeira apresenta a tensão entre idiossincrasia e universalidade" que caracteriza outros universais culturais definidos pela

antropologia, tais como as regras de casamento, rituais de saudação, receitas culinárias, etc.

A ludicidade se materializa na produção das culturas infantis (que são construídas em diálogo com a cultura mais ampla). O papagaio, por exemplo, não foi inventado como brinquedo. Mas, ao longo do tempo, foi sendo incorporado como prática lúdica de adultos e crianças[6]. Como compreender a experiência da brincadeira como um fenômeno cultural? De que forma é possível perceber a brincadeira e os aspectos sociais e humanos vividos pelas crianças quando brincam?

A brincadeira como linguagem tipicamente infantil integra experiências da corporeidade, da cognição e da emoção. Nesse sentido, Pereira (2000, p. 1) compreende "o ato de brincar como uma forma de conhecimento integrador, próprio da cultura infantil, que inclui dentro dele todas as linguagens de representação na relação da criança com seu entorno".

A linguagem se apresenta nas diferentes marcas que nós, seres humanos, deixamos no mundo, sendo construída na relação com a cultura. Compreendida como linguagem, a experiência da brincadeira atua como expressão e forma de significação do mundo. Nessa interação a criança experimenta suas emoções e elabora suas experiências. O adulto é, muitas vezes, a referência, e suas ações são reproduzidas pelas crianças com um sentido próprio e essencial.

A brincadeira de "fazer de conta" destaca-se, portanto, como eixo central na relação da produção e apropriação da cultura pela criança, experiência por meio da qual ela vivencia a imaginação, a interpretação e a construção de significado sobre diferentes situações, sobre o universo que a rodeia e sobre si mesma. Ou, ainda, na referência de Corsaro (2002), na atividade as crianças exercem uma reprodução interpretativa dos elementos da cultura na qual se inserem.

Figura 3 - Burrinhos de banana. Brinquedo pataxó.
Fonte: Registro de campo.

O brinquedo constitui um artefato cultural dialógico que assume papéis dos mais diversos tipos, em razão do interesse e da curiosidade da criança. O brinquedo é um estímulo material que provoca, faz fluir o imaginário infantil. Seu maior valor simbólico é ser "instrumento de brincar" (BENJAMIN, 1984).

> *[...] A simbologia deste instrumento de brincar atravessa a fronteira do físico em direção ao espiritual e faz dele instrumento que promove interação, diálogo, aproximação com o lúdico, reforço de habilidades cognitivas e de relação de sociabilidade*. (SILVA, 2006, p. 108)

Os brinquedos lidam com o âmbito da reprodução da realidade da criança e seus contextos. Segundo Kishimoto (1999, p. 24), o brinquedo, em sua forma e dimensão delicadas e antropomórficas, "metamorfoseia e fotografa [os diversos tipos de realidades], não reproduzindo apenas objetos, mas uma totalidade social".

As práticas de brincadeiras e seus significados

Ninguém presta atenção no que a gente gosta de fazer.
(N., 11 anos, morador do bairro Taquaril)

Ao ser interrogado sobre como construía um papagaio, um menino, "desconfiado", respondeu: "*Por que você quer saber isso?* Ninguém presta atenção no que a gente gosta de fazer." Essa fala aponta para uma perspectiva que norteou o trabalho de campo: um olhar atento sobre os fazeres próprios das crianças, suas formas de se relacionarem com seus pares, com seu entorno e, fundamentalmente sobre suas experiências espontâneas de brincadeira, ocorridas em espaços e tempos de convivência autônoma.

Minha intenção foi aproximar-me dos mundos das crianças sem me despojar de condição de adulto, mas também sem me identificar com o adulto que as dirige e fiscaliza, e, ao mesmo tempo, relativizando as certezas que impregnam o meu olhar adulto sobre as crianças, pois só assim seria possível enxergá-las como um outro, em sua radical diferença.

Essa atitude, em alguns momentos, exigiu-me uma prática interativa e participativa no grupo de pares e uma atitude permanente de interrogação. Minha tentativa foi aproximar-me do mundo de compreensão das crianças, considerando suas reflexões, falas, perspectivas e comportamentos. Tentei entender as crianças como colaboradoras da pesquisa, ajudando-me, com suas falas, ações e interpretações, no processo de investigação e no próprio objeto de estudo, seus brinquedos e brincadeiras.

Mas, especialmente para as crianças pataxó,

qual o significado dessas práticas? Como analisar o repertório entendendo-o como expressão das culturas infantis? Como compreender esse repertório cultural como forma própria de as crianças atribuírem significado ao mundo na interação com o outro e com o seu meio?

Os espaços e tempos da brincadeira e da infância na Aldeia Pataxó

O espaço da aldeia é eminentemente coletivo e permitido às crianças. É interessante perceber como circulam, entram e saem de todas as casas e como ocupam diferentes lugares. Muitas vezes foi necessário escolher qual grupo de crianças acompanhar, uma vez que elas se dividem e transitam muito, seja para brincar ou para realizar alguma tarefa, como levar algum recado ou entregar alguma coisa a pedido de um adulto.

Figura 4 - Casinhas de folha de bananeira. Aldeia Pataxó. Fonte: Registro de campo.

A observação dos usos que as crianças pataxó fazem do tempo e do espaço em suas brincadeiras me permite dizer que a infância desse grupo é marcada por uma significativa autonomia em seu cotidiano e em suas relações sociais.

A brincadeira de casinha acima registrada é um exemplo que marca essa condição de autonomia. Todo seu desenvolvimento se dá por iniciativa e escolha das crianças, desde o espaço onde farão a casinha até os materiais e instrumentos que serão necessários para sua construção:

> *Uma das meninas convida as outras para brincarem de casinha, delegam a um grupo de meninos maiores que busquem as folhas de bananeira enquanto elas limpam um lugar. (*Aldeia Pataxó. Registro de campo)

No processo de construção da casinha, as crianças negociam papéis, discutem qual será o melhor espaço (pensando no Sol, na inclinação do terreno) no grau de dificuldade para a construção dela (por exemplo, se o galho da árvore é muito alto para amarrar). Nessas decisões, nenhum argumento se refere à não-utilização de algum espaço ou material por não ser autorizado para o uso de crianças.

> *Rapidamente todos se envolveram na brincadeira, dividem tarefas de, por exemplo, buscar um facão ou arrumar uma corda, enquanto constroem a casinha começam a eleger quais papeis irão desempenhar na brincadeira (pai, filho, mãe, etc.). (*Aldeia Pataxó. Registro de campo)

A forma de as crianças utilizarem seus espaços e tempos é determinante para que elas construam seus saberes e seu processo de apropriação da cultura, sem pertencimento comunitário. No caso da brincadeira de casinha evidenciam-se, ainda, dimensões da cultura e da vida social:

> *As brincadeiras oferecem às crianças alguns dos pontos de referência cruciais para a percepção das dimensões espaciais e temporais nas quais seu cotidiano acontece. Uma vez incorporados esses pontos de referência tornam-se conhecimento, tanto de domínio individual como de domínio coletivo, conhecimento esse que acompanhará o individuo ao longo de toda sua vida*. (NUNES, 2002, p. 69)[7]

À medida que experimentam e descobrem seu entorno com significativa autonomia, vão a todos os lugares, entram em todas as casas, se incluem ou não nas atividades dos adultos, que ora se manifestam cúmplices e ora tolerantes, reações que as crianças também administram. Elas identificam limites, regras que regem a sua sociedade, compreendem como se organizam a vida e a convivência naquele lugar. Construir essas questões é base para que se situem em seus universos e possam interpretar o mundo.

Atividades domésticas

A participação das crianças nessas "atividades domésticas" ou cotidianas da aldeia se dá de maneira peculiar. Muitas vezes as crianças circulavam e participavam de atividades relativas ao cuidado com a horta, como colher, molhar, arrancar mato, ou era

delegada a uma criança a tarefa de buscar lenha para alimentar o fogo.

Duas questões se destacam na análise dessa situação: em primeiro lugar, não se viu exigir-se das crianças, em nenhuma situação observada, eficiência, produtividade ou eficácia em sua participação nessas tarefas. Ou seja, fazer essas coisas, embora contribuísse no trabalho dos adultos, não podia ser entendido como trabalho das crianças, e, sim, como uma divisão de tarefas, em que se exigiam relativa competência e participação efetiva. Em alguns momentos, por exemplo, o próprio adulto que delegou a tarefa acompanhava a criança em sua realização, explicando qual é a melhor lenha para o fogo.

Em segundo lugar, a participação das crianças também se configura como brincadeira, como ocorre nos meses de trabalho com artesanato, quando muitas crianças acompanham e ajudam suas famílias na colheita das sementes e na produção de colares, brincos, maracás, etc.

Figura 55 - Vagem de fedegoso. Semente utilizada na produção de artesanato (Aldeia Pataxó)

Fonte: Registro de campo.

Na Aldeia Pataxó fevereiro e março são os meses do ano em que mais se trabalha com artesanato. No mês de abril, a aldeia recebe muitas visitas em razão da comemoração do Dia do índio e alguns grupos viajam para se apresentar em outras cidades. As famílias produzem pensando em vender nesse período. (Aldeia Pataxó. Registro de campo)

Figura 6 - Sementes utilizadas na produção de artesanato (Aldeia Pataxó)

Fonte: Registro de campo.

Na caminhada para colher sementes, as crianças observam e mostram os passarinhos, as frutas, falam das coisas que brincam. O fedegoso (uma das sementes utilizadas na produção de artesanato) é colhido pelas mulheres e pelas crianças. Enquanto as mulheres colocam as vagens na cesta, as crianças brincam de 'estourar fedegoso". Essa semente se apertada bem próxima ao ouvido, produz um som de estouro que agrada às crianças. Elas estouram nos próprios ouvidos e nos ouvidos das outras e riem ao ouvir o som. (Aldeia Pataxó. Registro de campo)

Natureza e meio ambiente

A natureza e seus elementos estão fortemente presentes na cultura pataxó. Um exemplo disso é a principal festa da comunidade, a chamada *Festa das Águas,* realizada anualmente na aldeia, cuja intenção é celebrar a natureza:

A festa das águas é voltada para natureza [...]. *As crianças e velhos são muitos importantes nessa festa. Eles podem ouvem histórias, dançam, cantam e entendem por que a natureza é tão importante para os pataxós* [...] *Wopãe abre a festa. Ele é o pai da mata: deus da natureza, da vida, das plantas, das pedras, dos bichos todos.* (Ronaldo Pataxó, professor indígena. Registro de campo.)

Nesse sentido, a natureza é mais que fonte de alimentação ou matéria para a construção de casas ou artesanato. Seus elementos estão intrinsecamente ligados à cultura pataxó, seus mitos, rituais e histórias.

As crianças, portanto, constroem saberes sobre a natureza e o uso de seus elementos, uma vez que seu espaço de brincadeiras é constituído desses elementos. Elas incorporam à cultura pataxó elementos mitológicos e valores que marcam sua relação com o meio ambiente: Quem maltrata a natureza" o pai da mata pega, quem faz maldade a caipora faz perder o caminho (M. pataxó, 10 anos).

As crianças brincavam de correr próximo à horta, quando iniciou-se o seguinte diálogo: Menino 1: – Você está pisando no feijão! Saí daí! Menino 2: – Não tinha visto; esse feijão é de Dione? Menino 1: – Não sei de quem é, mas não vamos pisar aqui. (Registro de campo)

Figura 7 - Menino pataxó e seu apito de coquinho aricuri
Fonte: Registro de campo.

Os elementos da natureza também constituem materiais para a construção de inúmeros brinquedos. É interessante perceber como variações de brinquedos produzidos com outros materiais em outros universos culturais surgem no repertório de brinquedos pataxós tendo elementos da natureza como "matéria-prima", revelando formas desse grupo de crianças se apropriar ludicamente de seus ambientes e materiais disponíveis.

As vivências e saberes sobre a natureza das crianças pataxó são exemplos de como, nessa realidade sociocultural, se circunscrevem saberes profundos relativos a uma consciência ambiental, ligada ao uso renovável de elementos naturais, mas especialmente a uma relação de respeito, acolhimento e reverência à natureza.

A relação com os adultos

As crianças brincavam no campo, quando o Ronaldo Pataxó se aproximou com um balaio cheio de arcos e flechas e maracás,[8] *alguns prontos e outros ainda por finalizar a produção (faltando, por exemplo, colocar penas para enfeitar ou testar o ângulo da varinha). Convocando as crianças para ajudá-lo nessa tarefa, ele colocou o balaio no chão e esperou que elas se aproximassem [...]. Começou entre as crianças uma conversa sobre distribuição e o uso dos materiais. Após algumas opiniões, a conversa ficou definida a partir na frase de um dos meninos:*

Figura 8: Cata-vento de folha de manga.
Fonte: Registro de campo.

– Quem é grande pega o arco e a flecha grande, quem é pequeno pega o arco e a flecha pequena.

Imediatamente, a proposta de localizar arcos e flechas que fossem proporcionais ao tamanho deles encantou as crianças. Tirando tudo da caixa e depois de algumas tentativas sem sucesso de dividir o material, as crianças começaram a ordenar no chão os arcos e flechas por tamanho, tarefa que levou algum tempo. Logo depois, organizaram-se para medir os próprios corpos por comparação, em duplas uniam costa com costa, para solucionar os casos de dúvida de quem eram os maiores, e assim foram elegendo quem ficaria com cada arco e flecha. (Registro de campo. Aldeia Pataxó)

Nesse episódio, chama atenção como a tarefa de dividir sugerida pelo adulto não foi orientada e nem organizada por ele, que permitiu com relativa tranquilidade que as crianças tomassem decisões e construíssem um critério que fosse acordado pelo grupo. A não-determinação do adulto permitiu, ainda, que as crianças fizessem o exercício de construir o critério e de administrar seu uso, o que exigiu do grupo inúmeras estratégias, como exercícios de escuta e comparação, tudo isso antes mesmo da atividade em si, que era terminar a produção dos arcos e flechas.

Esse exemplo aponta uma forte característica da relação dos adultos com as crianças pataxó, construída com paciência, sensibilidade, atenção aos tempos das crianças e determinando-lhes que encontrem soluções para as questões nos seus exercícios de sociabilidade. Outro relato de campo ilustra essas características:

O cacique Soin Pataxó estava voltando da horta com um saco cheio de mandiocas que acabavam de ser colhidas. Ele chamou as crianças para mostrar um brinquedo [...]. Separam as mandiocas boas das ruins (que pelo que pude entender são as que ficariam amargas ao serem cozidas), explicando às crianças como fazer para saber qual estava ruim, pela dureza da casca e disse:

– Essas vão para panela e essas vão para o brinquedo.

Falando com calma, cada passo da construção do brinquedo, com a ajuda de um facão ele mostrou às crianças que podem fazer com as mandiocas "ruins" um burrinho para brincar. O cacique lembra, ainda, às crianças que no seu tempo de menino ela morava em Barra Velha na Bahia e que esse era uns dos brinquedos de que mais gostava. (Registro de campo)

Figura 9 - Burrinhos de mandioca.
Fonte: Registro de campo

Essa experiência permitiu às crianças ao mesmo tempo brincar e se apropriar de saberes, como escolher a mandioca certa para fazer brinquedos. Em diversos momentos, foi possível perceber, na Aldeia Pataxó, uma relação adulto/crianças marcada por cuidados e ensinamentos, como se pode observar no relato anterior relativo ao uso dos alimentos e à transmissão cultural de um brinquedo de uma geração para outra.

Ainda como característica observada nesse relato, destaca-se a presença de brinquedos que reproduzem o universo adulto. Nesse sentido, o artefato cultural brinquedo materializa-se e representa a cultura adulta. Mas é também um instrumento que pelo "estímulo material que provoca, faz fluir o imaginário infantil." (BENJAMIN, 1984).

No dia a dia da aldeia, as crianças alternam suas brincadeiras com inúmeras atividades que fazem sozinhas ou ajudam nas tarefas realizadas pelos adultos. Essas tarefas são concretas e reais, são práticas, desempenhadas "de verdade", o que não exclui delas um componente lúdico, ainda que por trás de uma responsabilidade assumida.

O fio que serve de base para produção do artesanato é produzido de um capim que cresce em abundância na aldeia [...]. A retirada desse capim é feita pelos adultos, mas sempre acompanhados por crianças. Em diversas observações dessa prática, foi possível perceber as crianças fazendo as mesmas coisas que os adultos: colher o capim desfiar suas fibras e enrolar o fio [...]. No entanto, nessas atividades as crianças não têm um compromisso com uma quantidade de fios a ser enrolados, muito menos precisam fazê-los e entregá-los aos adultos. Às vezes entregam, às vezes não, às vezes brincam de amarrar seus cabelos, de arrebentar e de fazer e desfazer o mesmo fio várias vezes. Enquanto isso, os adultos continuam sua produção e não cobram uma produção das crianças [...]. Ainda assim, no final da atividade muitas crianças acabam por fazer muitos fios e entregá-los aos seus pais [...]. (Registro de campo)

Figura 10 - Menina pataxó puxando o fio de artesanato
Fonte: Registro de campo

Essa atitude compreensiva do adulto revela uma característica do processo educativo dos pataxós, marcado por uma relação de respeito aos tempos das crianças e seus desejos no transcorrer de uma atividade. Ainda nesse episódio, foi possível perceber que as crianças pequenas também enrolavam as fibras, mas não tinham as mesmas habilidades das maiores, entregando aos seus pais fios pouco enrolados ou muito pequenos, que não serviriam para o artesanato. Ainda assim, esses eram aceitos pelos adultos como participação efetiva das crianças, sem nenhuma crítica ou comentário.

Palavras finais

Os brinquedos e as brincadeiras como elementos constitutivos de um repertório cultural produzido na infância instigam inúmeras interpretações e contribuem na construção de um olhar sensível às crianças e suas especificidades.

Por fatores de transmissão cultural, destacam-se ainda, no repertório observado, exemplos de brinquedos e brincadeiras recorrentes em ambos universos e também presentes no patrimônio cultural da humanidade.

Sugiro, nesse sentido, uma preocupação antropológica e histórica com o possível desaparecimento desse repertório de "brincadeiras tradicionais" na contemporaneidade. Sua existência nesse contexto está, sem dúvida, ligada ao fato de as crianças pertencerem a um grupo com traços indentitários e culturais próprios, que se distanciam em muitos aspectos da forma de organização social de, por exemplo, um grupo de crianças de classe média que vive em uma grande cidade.

A prática desse repertório cultural, caracterizada pela dinâmica universalidade, singularidade e sazonalidade, possibilita experiências de desenvolvimento cognitivo, motor e social. Ao brincar, as crianças aprendem, desenvolvem e compreendem sistemas simbólicos fundamentais para sua inserção na história e na cultura.

Ao fazer essa análise foi fundamental fugirmos de interpretações "didáticas" da brincadeira, sustentando a ideia de que brincar é um ato de conhecimento em si (PEREIRA, 2002). O sentido dessa compreensão não passa, portanto, pela identificação de aprendizagens relacionadas (ou fragmentadas) a áreas de conhecimento específicas, e sim pela compreensão de saberes construídos pelas crianças à medida que operam com a linguagem da brincadeira. Ainda assim no quadro de práticas observadas, pode-se destacar que as crianças, quando brincam, se constituem em suas múltiplas dimensões: cognitiva, afetiva, ética, cultural, social e estética.

A compreensão contemporânea de infância como produtora de culturas, portanto, instiga novos olhares para o campo da educação com objetivo de passarmos a entender a brincadeira não como atividade imposta ou interventiva, e sim como legítima linguagem infantil.

Por fim, como tão bem desenha Manoel de Barros, o tamanho das coisas "há que ser medido" pela intimidade que temos com elas. A aproximação desse grupo me fez entender mais intimamente as crianças, suas brincadeiras, invenções e linguagens e, assim, pude escrever sobre suas vidas, escolhas, desejos, mundos e culturas.

Notas

[1] Texto originalmente apresentado ao GT de Educação de Crianças de 0 a 6 anos, da 31ª Reunião Anual da ANPED, em Caxambu 2008. A versão aqui apresentada conta com pequenas alterações.

[2] O povo indígena Pataxó pertence à etnia pataxó bacumuxá, que é do tronco linguístico macro-jê. A primeira notícia que se tem desses índios é do século XVII, quando, aliados aos maxacalis, lutaram contra seus inimigos ancestrais, os denominados botocudos, termo que abrange vários outros povos que habitavam o mesmo território, dentre eles os atuais krenaks. Conhecido pelo seu seminomadismo, o grupo pataxó pesquisado ocupa hoje a fazenda Guarani, no município de Carmésia/MG, desde a década de 1970. São, aproximadamente, 200 pessoas.

[3] O conjunto Taquaril está localizado na região leste de Belo Horizonte. O bairro pertence a um dos bolsões de miséria da grande Belo Horizonte. Especialmente nesse artigo, optou-se por analisar o repertório do outro grupo observado.

[4] Segundo Vandem-Bradem (apud AMADO, 2000), a obra de Bruguel registra 246 crianças, sendo 168 meninos e 78 meninas, além de 2 adultos.

[5] Especialmente no Brasil, segundo Hortélio (1997), essa tradição musical na infância possui variadíssimas características herdadas das tradições europeias, africanas e indígenas presentes na formação cultural inicial do povo brasileiro.

[6] Segundo Atzingem, (2001, p. 98), existem registros que comprovam a existência de papagaios na China mil anos a. C. "O brinquedo era um dispositivo de sinalização militar. A cor da pipa, da pintura e os movimentos no ar executados comunicavam códigos de mensagens entres os campos."

[7] A autora destaca a necessidade de que o conhecimento sobre a infância não seja apenas construído com base nas referências de sociedades dominantes, criando, assim, um modelo "padrão" de criança ocidental etnocêntrico, ressaltando, portanto, a importância de trabalhos etnográficos com grupos de crianças indígenas.

[8] Instrumento musical similar ao chocalho, utilizado nas danças e rituais pataxós.

Referências

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 95, p. 541-551, maio/ago. 2006.

AMADO, João. *Jogos brinquedos tradicionais*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1993. AMADO, João. *Universo dos brinquedos populares*. Lisboa: Quarteto, 2002.

BARROS. Manuel de. *Memórias inventadas*: a

infância. São Paulo: Planeta, 2003.
BENJAMIN, Walter. *Reflexões*: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1997. v. 43. (Coleção Questões da Nossa Época).
CARVALHO, A. M. A. O lugar do biológico na psicologia: o ponto de vista da etologia. *Biotemas*, v. 2, n. 2, p. 81-92,1989.
_____; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I. D. (Ed.). *Brincadeira e cultura*: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
CASCUDO, Luiz da Câmara. Jogos e brinquedos do Brasil. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 1947.
CERISARA, Ana Beatriz; SARMENTO, Manoel (Org.). *Crianças e miúdos*: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.
COHN, Clarice. A experiência da infância e o aprendizado entre os xikrin. In: LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela. (Org.). *Crianças indígenas*: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002. v. 1, p. 117-149.
CORSARO, W.; EDER, D. Children's peer cultures. *Annual Review of Sociology*, n. 16, p. 197-220, 1990.
DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. *Equilibrando sobre um arame de farpas*: infância e indicidade no Cotidiano do Alto Vera Cruz. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
FERNANDES, Florestan. As trocinhas do Bom Retiro. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1979.
FERREIRA, M. M. *A gente gosta é de brincar com os outros meninos*!: relações sociais entre crianças num jardim de infância. Porto: Afrontamento, 2004.
FERREIRA, Manuela. Criança tem voz própria. *Portugal*: a página da educação, ano 11, n. 117, p. 35, nov. 2002.
FRIEDMANN, Adriana. *Jogos tradicionais na cidade de São Paulo*: recuperação e análise da sua função educacional. 1990. Tese (Mestrado em Educação.) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
GOUVEA, Maria Cristina Soares de. *Infantia*: entre a anterioridade e a alteridade. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2003. Inédito.
KISHIMOTO, T. M. *Jogos tradicionais infantis*. São Paulo: Cortez, 1993.
LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (Org.). *Crianças indígenas*: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.
MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*: acalantos, parlendas, adivinhas, jogos populares, cantigas de roda. Belo Horizonte: Itatiaia. Biblioteca de Estudos Brasileiros.
MICKLETHWAIT, Lucy. *Para a criança brincar com arte*. São Paulo: Ática, 1997.
MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. 2001.
PEREIRA, Maria Amélia. Derrubaram os últimos jardins para construir prédios. *Linhas críticas*. Brasília: Inep, v. 8, n. 14, p. 49-58, jun. 2002.
PINTO, Manuel; SARMENTO, M. (Coord.). *Crianças*: contextos e identidades. Braga: Centro Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.
QUINTEIRO, Jucirema. A emergência de uma sociologia da infância no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais v. 26, 2003.
SARMENTO, M. J. Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Org.). *Crianças e miúdos*: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2003.
SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coord.). *As crianças*: contextos, identidades. Porto: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, 1997.
SILVA, Lúcia Isabel da Conceição. *Papagaio, pira, peteca e coisas dos gêneros*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém/Pará, 2006.
SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

Sobre o autor:

Levindo Diniz Carvalho é pedagogo, mestre e doutorando em Educação pela UFMG. Professor da Universidade FUMEC e do Curso Licenciatura Indígena da UFMG tem se dedicado a pesquisas e consultorias no campo infância e educação.